

Margareta Hargitay Wieser*

Por que não falamos sobre racismo e discriminação na psicanálise? Nós, venezuelanos, somos bacanas



Na minha formação e prática analítica, ouvi pouco ou nada sobre o assunto. No meu ambiente sociocultural, o venezuelano se orgulha de ser aberto e não discriminar por raça, cultura ou nível socioeconômico, mas sabemos que isso é uma mentira, que há atributos pessoais que nos fazem melhores ou piores aos olhos do outro, que algumas pessoas são desvalorizadas desde o nascimento, e até mesmo odiadas, pela cor de sua pele, olhos, cabelos etc.

Janine Puget (2002) define o racismo

como resultado de uma discriminação específica, geralmente pejorativa, dirigida a uma característica que dá identidade a um sujeito ou conjunto, como pertencente a uma classe, a uma ideologia [...]; o racismo na vida cotidiana é um dos mecanismos que tendem a fortalecer o pertencimento ao próprio contexto, que nesse caso se define somente a partir do desprezo e da distância com relação a outro conjunto. (p. 116)

Em momentos como os atuais na Venezuela, em que os grupos se polarizam, a discriminação do diferente aumenta a ponto de gerar até mesmo linchamentos públicos.

Para Kathleen Pogue White (2002), existem pelo menos três maneiras de pensar o ódio que deriva do racismo. Haveria “o ser odiado” como resultado de ser objeto de projeções e atribuições destrutivas e perniciosas. Haveria também “o ódio dirigido ao self” como consequência da internalização de projeções e atribuições perniciosas e destrutivas, resultando em ódio a si mesmo. Finalmente, haveria “o ódio aos outros” pela reexternalização de projeções malignas que tratariam a fonte das projeções com extrema hostilidade, com a possibilidade de desencadear violência e destrutividade.

Apresento Roberto porque, através de uma vinheta de seu caso clínico, quero abordar o racismo ou a discriminação que ele percebe e exerce.

Roberto chega em busca de ajuda para a sua depressão. É um jovem magro, de pele morena clara marcada por múltiplas tatuagens, sobre as quais indagaremos no desenvolvimento do processo analítico. Possui uma expressão severa, veste-se de forma esportiva e, enquanto espera para ser atendido, sempre permanece cochilando na sala de espera. Descrevo sua aparência física e suas roupas porque Roberto, desde sua chegada a meu consultório impregnará o espaço de um sentimento de desconforto e rejeição. As outras pessoas que frequentam o consultório jamais se sentarão perto, sempre deixam um espaço razoável livre no sofá, ou permanecem de pé enquanto esperam ser atendidas.

Diante do diferente, do outro desconhecido em momentos de violência social, os indivíduos estão mais predispostos a usar mecanismos primitivos de defesa, como a excisão e a projeção de aspectos negativos do self e dos objetos.

A rejeição que sente ao andar de ônibus será tema de sua análise. Pensam que é um malandro (delinquente), aparece a discriminação no mundo exterior. Com o tempo,

veremos que se trata de uma representação do seu mundo interno, uma projeção do ódio aos seus objetos internos em direção ao exterior e uma reintrojeção da rejeição gerada.

Roberto é percebido do lado de fora como um delinquente: é jovem, está tatuado, tem um corpo treinado e um olhar fechado. Tudo o que se descreve é lido ou decodificado pelo mundo exterior como perigoso. No entanto, vemos que essa leitura é diferente quando aparece a palavra. Roberto explica as tatuagens e aparece a necessidade de registrar no corpo os afetos e as experiências passadas para poder torná-los sempre presentes. Aparece a tatuagem em homenagem à falecida avó que o criou e de quem tem saudade, aparecem os símbolos que identificam bons momentos de sua infância. Roberto vai narrando, historicizando sua vida através das tatuagens. Tem um corpo treinado porque descobriu o atletismo, corre para escapar dos perigos reais e para escapar dos perigos que se escondem dentro dele.

É o segundo filho, provavelmente não desejado, assim como seu irmão mais velho.

* Asociación Venezolana de Psicoanálisis.

Filho de uma mãe adolescente que deixou o ensino médio para trabalhar para eles.

Roberto se sentiu amado, mas também odiado pela mãe e pelo irmão. Abandonado pelo pai desde a infância, vive em um bairro inseguro de Caracas, tendo que sobreviver aos verdadeiros perigos do exterior e à introjeção de aspectos desvalorizados e danificados.

Não tem um bom relacionamento com a mãe, com quem vive, ou com o irmão; recebe as projeções de ovelha negra da família e às vezes atua. Então, fuma maconha em seu quarto e não compartilha com a família.

Roberto é de classe humilde e chega a um consultório de classe média. Os outros o percebem como diferente e, portanto, temem, evitam. Para mim, foi um paciente que, após os primeiros minutos do primeiro encontro, aproximou-se, mostrou-me seus aspectos infantis e vulneráveis, com os quais pudemos trabalhar. Sua couraça para evitar ser ferido, as tatuagens como mecanismos de defesa para impor distância no outro. Sua atitude intimidadora para se proteger da violência nas ruas, sua velocidade para escapar dos assaltos, a maconha para aliviar a dor emocional da solidão. Roberto despertava em mim aspectos contratransferenciais maternos de cuidado e proteção; foi preciso mostrar-lhe como era lógico que os demais tivessem medo, que ele inconscientemente provocava essa reação no exterior.

Indivíduos jovens como Roberto são uma superfície muito apropriada para as projeções, tanto de seu grupo familiar quanto de seu ambiente social.

Quanto mais intensas são a excisão e a projeção, mais ameaçador se torna “o outro”, exigindo maior proteção.

A Venezuela e seus cidadãos estão orgulhosos de seus valores fundamentais como a dignidade humana, a igualdade, a não discriminação, a liberdade de religião, etc. No entanto, esses valores apresentam um forte contraste com os processos regressivos de grandes grupos sociais que requerem uma clara distinção entre “nós” e “os outros”, gerando uma distância –evidente até mesmo no espaço físico da sala de espera do meu escritório– para proteger o nosso self ideal e a ilusão de segurança. Em momentos de caos político e social, há uma tendência a exacerbar a divisão entre

os bons e os maus, os cidadãos que cumprem a lei e aqueles que a violam.

Vamik Volkan (2014) nos explica que, em tempos de crise, as pessoas abandonam suas múltiplas identidades, unem-se sob um grande grupo e, unificadas no uso de mecanismos de defesa primitivas –tais como divisão, projeção e externalização–, geram um aumento da paranóia de um grupo em relação a outro.

Por fim, compartilho as valiosas conclusões do trabalho de Jorge Kantor (setembro de 2016) apresentado no Congresso Fepal em Cartagena:

Como psicanalistas, nossa tarefa inevitável é incluir em nosso modelo técnico as expressões conscientes e inconscientes, transferenciais e contratransferenciais dessa dimensão no decorrer das análises que realizamos. Da mesma forma, contribuir para a pesquisa dos processos mentais de identificação e transmissão do racismo em nossa cultura. (p. 10)

Referências

- Kantor, J. (setembro de 2016). *El superyó piel: Psicoanálisis y racismo*. Apresentação no Congresso Fepal, Cartagena.
- Pogue White, K. (2002). Surviving hating and being hated: Some personal thoughts about racism from a psychoanalytic perspective. *Contemporary Psychoanalysis*, 38(3), 401-422.
- Puget, J. (2002). Las relaciones de poder, solidaridad y racismo. *Revista de la Asociación Argentina de Psicología y de Psicoterapia de Grupo*, 25(1), 103-126.
- Volkan, V. (2014). *Psychoanalysis, international relations and diplomacy: A sourcebook on latrge-group psychology*. Londres: Karnac.